

# Justiça histórica



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

Quando o Brasil alcançou sua independência de Portugal, a colônia lusitana na América do Sul era dividida em duas partes. No norte, o Grão Pará e Maranhão era separado da colônia do Brasil e mantinha relacionamento diplomático e comercial direto com Lisboa. Não dependia do Rio de Janeiro para nada. No entanto, o imperador Pedro I fez questão de colocar toda a Amazônia dentro de seu país que estava nascendo em 1822. Mandou o almirante Cochrane resolver o assunto. Ele enviou seus navios, ameaçou bombardear e arrasou Belém. Assim foi feito. A Independência do Brasil, no Pará, ocorreu em agosto de 1823.

Antes disso, o Brasil era uma colônia que produzia ouro nas províncias de Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás, depois de dois séculos de produção de açúcar no Nordeste. O novo país cresceu a oeste da linha de Tordesilhas, numa fronteira aberta em que os espanhóis não exerciam qualquer tipo de fiscalização. Os bandeirantes e pioneiros foram até os pontos mais extremos da Amazônia. Pedro Teixeira subiu o Rio Amazonas (1637) e chegou a Quito, no Equador, de onde foi, educadamente, convidado a se retirar. Na volta, depois de descer dos Andes, tomou posse daquela vastidão verde, em nome de El Rey de Portugal. O Tratado de Madri, negociado por Alexandre de Gusmão em 1750, concedeu ao país toda a área a oeste da linha de Tordesilhas.

A Amazônia brasileira nasce dessas ações individuais e dos desejos de poder do imperador. Desde a Independência do Brasil até a inauguração de Brasília, em 1960, Belém era uma cidade isolada no norte do país, só alcançável por avião ou navio. Manaus desfrutou de grande prestígio na época da borracha, mas os ingleses, que frequentavam a região há muito tempo, levaram mudas de seringueiras para a Ásia, onde as plantas cresceram e enriqueceram os produtores de borracha para a indústria automobilística recém-criada nos Estados Unidos.

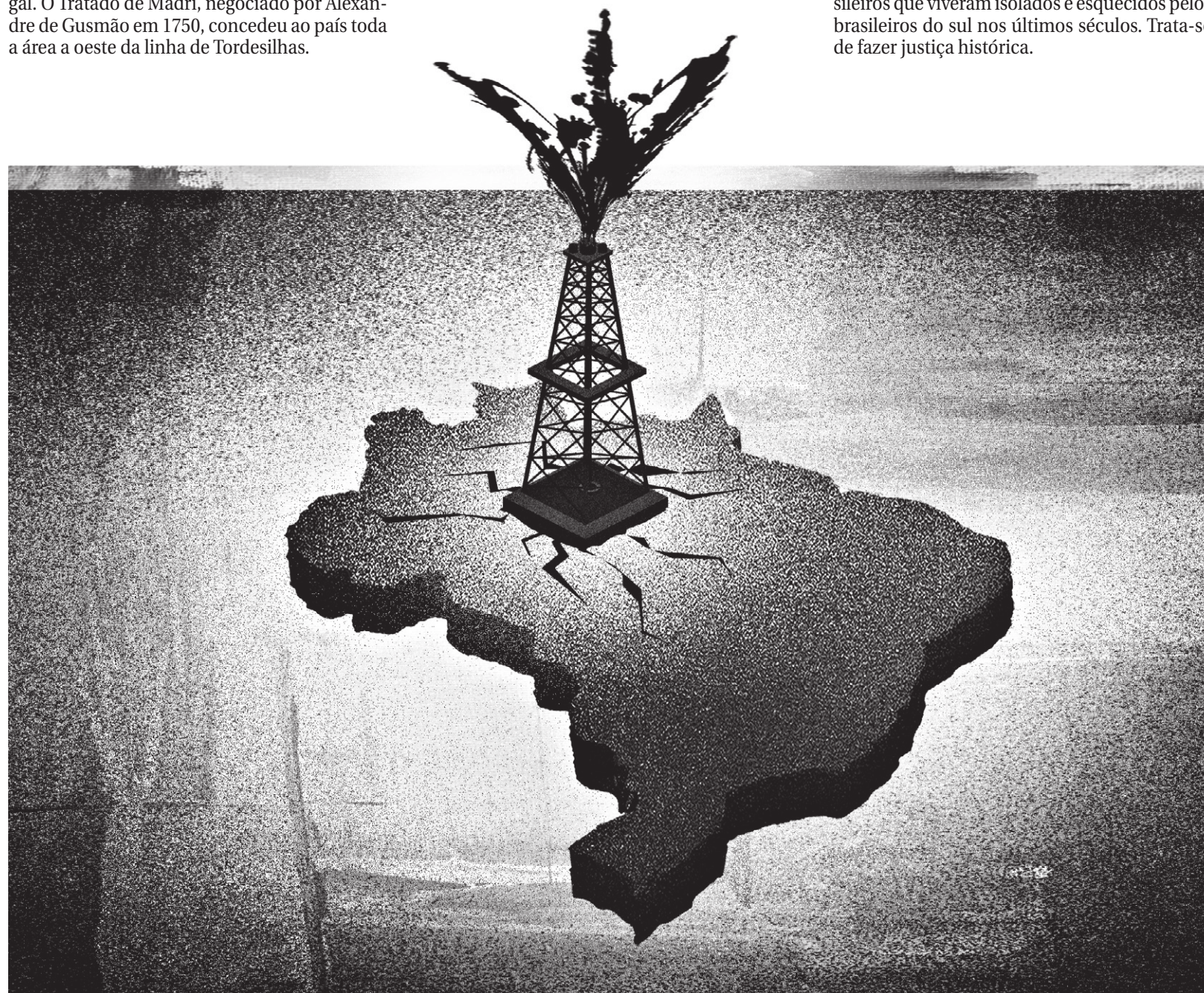
Afirmar que a Amazônia está hoje invadida por traficantes de drogas e outras mercadorias letais não constitui novidade. Os missionários portugueses e italianos, alguns alemães, andaram pelos rios da região, em nome de catequizar índios e coletar minérios valiosos. Henry Ford recebeu do governo do Pará, nos anos 20, gleba de um milhão de hectares no Rio Tapajós, onde ele criou a Fordlândia. O empreendimento não deu certo, e os norte-americanos foram indenizados pelo governo do estado pelas benfeitorias que permaneceram no local. Está tudo lá, até hoje, para quem quiser ver. Há outros empreendimentos de capital estrangeiro na Amazônia. Na Serra do Navio, no Amapá, por exemplo, houve grande extração de minério de manganês. O minério acabou, e os empreendedores foram embora.

Nos anos 60, século passado, era interessante conhecer Belém, uma típica cidade do interior, com suas manias, seu dialeto e uma enorme quantidade de automóveis norte-americanos de última geração. Quem tinha algum dinheiro, na época, tomava o melhor uísque, tinha acesso às roupas dos americanos (calças blue jeans, que

não eram fabricadas no Brasil) e a automóveis “rabos de peixe”. Eram chamados de cotias porque saíam de dentro do mato. Quem podia enfrentar a viagem de avião até Belém retornava carregado de produtos estrangeiros. O contrabando corria solto na cidade.

Vale a pena lembrar a história da Amazônia quando reaparece o debate sobre a exploração do petróleo na chamada Margem Equatorial. A Petrobras quer examinar as possibilidades de um poço a mais de 500 quilômetros da foz do Rio Amazonas, no meio do oceano, distante mais de 100 quilômetros da costa do Amapá. Os preservacionistas estão eriçados. Preocupados com a possibilidade de algum dano ambiental à região, que tem sido vandalizada por nacionais e estrangeiros há séculos. Ninguém, nunca, protegeu a Amazônia, nem seus habitantes. Além disso, a Petrobras encontrou petróleo em Uruçu, município de Coari, em 1986. Desde então, explora aquele poço por intermédio do gasoduto que abastece Manaus com o produto. Nunca houve problema algum. Exceto, naturalmente, denúncias de corrupção.

O governo Lula anda balançando nos últimos dias por conta de ações mal pensadas e atitudes irrefletidas de alguns de seus expoentes. Gente despreparada para cargo público. O PT, como lembramos aqui várias vezes, não possui plano B. É Lula ou Lula. Sem ele, a eleição de 2026 toma caminho completamente diferente. Este governo não tem bandeira, propósito nem programa. É o momento de pegar a possibilidade de produzir petróleo no extremo norte como forma de planejar o desenvolvimento da Amazônia, reprimir o crime organizado e levar progresso àqueles brasileiros que viveram isolados e esquecidos pelos brasileiros do sul nos últimos séculos. Trata-se de fazer justiça histórica.



## Tamborizar: histórias e memórias de Roda d'Água



» EDILEUZA PENHA DE SOUZA  
Mulher negra, ativista na luta pela igualdade de gênero e raça, professora e cineasta

Nos verdes vales de Roda d'Água, bairro rural de Cariacica, no Espírito Santo, onde a terra guarda memórias antigas, os tambores de Congo ressoam como corações pulsantes, ecoando histórias que o tempo jamais apagará. Entre montanhas e nascentes, no ventre das águas, meninos e meninas negras encontram sua voz no couro dos tambores, despertando a força de seus ancestrais em cada toque, em cada repique.

Estamos falando da Banda de Congo Mirim de Roda d'Água, onde nasceu nosso projeto de dissertação, hoje concretizado no livro: *Tamborizar — Histórias e memórias de Roda d'Água* (Editora Malê).

Tamborizar é mais que um projeto, é um chamado, um rito de passagem no qual a infância se veste de tradição e a juventude se reconhece na batida do passado. No compasso dos tambores, cada criança se descobre herdeira de um legado que atravessa o oceano, de África a Roda d'Água, dos quilombos aos terreiros, das festas aos cortejos sagrados.

Quando os tambores de Congo anunciam sua presença, o chão vibra, os corpos dançam e

as vozes elevam-se em cantigas que narram resistências. São histórias vivas que se entrelaçam nas festas de Nossa Senhora da Penha, quando as bandas de Congo se unem em um espetáculo de cores e movimento para celebrar o carnaval de Congo. A festa ocorre no dia de Nossa Senhora da Penha, padroeira oficial do Espírito Santo, organizada pelas bandas de Santa Isabel de Roda d'Água, São Benedito de Piranema, São Benedito de Boa Vista e São Sebastião de Taquaruçu. Juntas e recebendo outras bandas do Estado, elas fazem do encontro um portal em que passado e presente se fundem, e a memória se faz corpo e som.

Nesse chão, a pesquisa etnográfica encontrou raízes profundas, alimentadas pelo orgulho e pela ancestralidade. O Tamborizar floresceu como um jardim de saberes, desbravando caminhos para que a história e a cultura dos tambores entrem nas escolas, nas salas de aula e nos múltiplos ambientes sociopedagógicos, para que o toque seja lição e a batida, aprendizado. Pois ensinar a partir dos tambores de Congo é resgatar a dignidade, é reafirmar que a pele negra é repositório de força, de beleza, de identidade.

No livro que nasce desse projeto, as palavras são chamadas que ecoam a Lei federal nº 10.639/2003, convocando a escola para uma educação plural, em que a cultura afro-brasileira não seja apenas lembrada, mas vivida. Essa lei, sancionada há 22 anos, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, promovendo o reconhecimento da contribuição dos povos africanos para a

formação social, econômica e cultural do Brasil.

Ao garantir que a ancestralidade negra seja incorporada nos currículos escolares, a lei busca combater o racismo estrutural e fortalecer a identidade das crianças negras e, ao mesmo tempo, proporcionando a todas uma diversidade e pluralidade necessárias à criação de um mundo mais justo e fraterno. Entre as páginas do livro, crianças, adolescentes e adultos encontram possibilidades de aguçar a imaginação e de escutarem os sons que vêm de longe e que agora pertencem a eles, devolvendo-lhes o sentido de pertencimento.

Tamborizar é resistência, é reexistência. É o rito que transforma, o som que acorda a alma, a memória que se faz viva no corpo de quem toca, dança e aprende. Em Roda d'Água, os tambores seguem tocando, e cada batida é um passo para o futuro, onde a cultura negra segue forte, presente e inapagável, como o eco dos tambores que nunca cessam de chamar.

Patrocinado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, FAC/DF, o livro foi entregue a todas as bibliotecas do DF. Ele conta com os dispositivos de acessibilidade: impressão em braile (disponíveis na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Braille Dorina Nowill, em Taguatinga, e no Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais, CEEDV, na 612 Sul) e, em breve, poderá ser ouvido como audiobook, garantindo que pessoas com deficiência visual ou outras necessidades específicas possam ter acesso ao seu conteúdo de forma inclusiva.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circecunha.df@dabr.com.br

## A Embrapa em risco

Criada em abril de 1973, pelos militares, com o objetivo de promover o desenvolvimento e a inovação tecnológica no setor agropecuário, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) foi, e ainda é, a principal responsável pelo sucesso mundial do agrobusiness nacional. Levou tempo até que os agricultores e pecuaristas brasileiros entendessem a importância das pesquisas para o aumento da produtividade e melhoria na qualidade dos produtos do campo. Aos poucos, as técnicas de manejo do solo, do melhoramento genético de plantas e animais, dos sistemas de irrigação, do manejo integrado de pragas e doenças foram sendo introduzidas no campo, com o sucesso que conhecemos.

Ao longo do tempo, foram introduzidas também, entre os produtores, a noção e a importância da sustentabilidade ambiental e social como modelos para tornar a produção de alimentos compatível com o meio ambiente. Com o tempo, a Embrapa ganhou respeito no país e no exterior, sendo seu modelo copiado por diversos outros lugares do mundo. Alguns exemplos de inovações desenvolvidas pela Embrapa podem ser conferidos como soja tropical resistente a pragas. A empresa desenvolveu variedades de soja adaptadas ao clima tropical brasileiro e resistentes a pragas, como a lagarta-da-soja, o que aumentou a produtividade, significativamente, e a sustentabilidade das lavouras de soja no país.

Outros exemplos são o milho resistente a insetos — variedades de milho transgênico resistentes a insetos, como a lagarta-do-cartucho, o que reduziu a necessidade de aplicação de pesticidas e melhorou a produtividade das lavouras de milho —, e o feijão de alta produtividade — variedades de feijão mais produtivas e resistentes a doenças, o que possibilitou o aumento da produção e a melhoria da segurança alimentar em regiões de cultivo desse importante alimento na dieta brasileira. Também os cultivares de frutas: diversas cultivares de frutas, como a uva BRS Vitória e a maçã BRS Gala, que apresentam características melhoradas de sabor, aparência e resistência a doenças, contribuindo para a expansão e diversificação da fruticultura brasileira.

No manejo integrado de pragas e doenças, técnicas de manejo integrado de pragas e doenças, que visam reduzir o uso de agrotóxicos e promover o controle biológico de pragas, tornam a produção agrícola mais sustentável e ambientalmente amigável. No caso dos sistemas agroflorestais, a Embrapa tem trabalhado na promoção de sistemas que integram a produção agrícola com o cultivo de árvores, proporcionando benefícios econômicos, sociais e ambientais, como a conservação do solo, a proteção de recursos hídricos e a diversificação da produção. Já na biotecnologia aplicada à pecuária, há o desenvolvimento de técnicas de melhoramento genético para a pecuária, como a seleção de animais resistentes a doenças, aprimorando a produtividade e a qualidade dos rebanhos brasileiros.

A despeito de todo esse sucesso e da importância estratégica que tem para o nosso país, a Embrapa vem, nesses últimos anos, atravessando um período de crise sem precedente, que vai desde o clientelismo político aos obstáculos para desenvolver suas atividades, que tem levado essa empresa e seus técnicos e pesquisadores a um estado de total frustração e desânimo. De fato, após esses 50 anos de êxito a empresa vem perdendo sua capacidade de resposta diante dos novos cenários da agricultura nacional e mundial. A pressão política obrigou a Embrapa a criar dezenas de centros de pesquisas que passaram a atuar de forma não integrada, causando sobreposição de pesquisas, criando infraestruturas ociosas e, consequentemente, um elevadíssimo custo de manutenção. A cada governo que chega, criam-se mais e mais programas, centros de pesquisas e outros aparatos que vão se acumulando e gerando despesas.

É necessário, na visão daqueles que entendem o trabalho desse centro de pesquisa, implementar uma forte descentralização na estrutura de governança, desburocratização nos processos decisórios e atenção aos recursos humanos da empresa. Existe ainda uma crise financeira, com as polêmicas contratações, que colocam a Embrapa numa posição de risco como líder em pesquisa agrícola tropical.

A empresa encerrou 2024 com um déficit superior a R\$ 200 milhões, o que colocou em risco a sua capacidade de conduzir pesquisas futuras. A falta de fundos para despesas gerais também colocam em xeque o futuro da pesquisa agropecuária em nosso país. É preciso entender que as mudanças climáticas exigirão ainda mais das pesquisas na área de produção de alimentos. Não se pode aceitar que uma empresa dessa importância vital passe por constrangimentos de não possuir em caixa dinheiro sequer para pagar contas de luz, água, telefone, internet, segurança e restaurante. Tudo isso sem falar em pesquisas, que levam anos de estudo e custam muito dinheiro.

### Frase que foi pronunciada:

“Erradicar a fome, garantir a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover uma agricultura sustentável”.

Agenda 2030 Vaticano

### História de Brasília

O deputado Esmerino Arruda arrombou o depósito, de lá retirando grande quantidade de leite, distribuído demagogicamente entre a população pobre. (Publicada em 26/4/1962)